

Novo presidente do CNPq garante que compromissos assumidos serão honrados

Erney quer ampliar acesso às bolsas

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

Recuperar a credibilidade da principal agência de fomento à pesquisa no país e ampliar o acesso às bolsas de estudo em todas as regiões. É dessa maneira que o médico Erney Plassmann Camargo define sua missão como novo presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Não será tarefa fácil. Nos últimos meses o órgão tornou-se alvo de sucessivas críticas dos pesquisadores em razão dos frequentes cortes de verbas que interromperam programas importantes. Pouco antes de tomar posse, porém, na última sexta-feira, Erney garantiu que nenhum contrato firmado será prejudicado por falta de dinheiro.

“Vamos honrar todos os compromissos assumidos” afirmou. Para ele, a preservação dos programas em andamento é fundamental para restabelecer a credibilidade do CNPq. Erney referiu-se, especialmente, às pesquisas desenvolvidas através do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex). No ano passado, o contingenciamento de verbas colocou em risco um número considerável de projetos. Só na Unicamp, 15 pesquisas ficaram ameaçadas. Em razão dos cortes, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) chegou a divulgar uma carta de protesto, com adesão de 700 pesquisadores. Na época, Erney também assinou a carta.

A garantia de que os contratos serão honrados, segundo Herney, vem do próprio governo federal, que garantiu não fazer cortes na área de Ciência e Tecnologia. Na semana passada, porém, o ministério de C&T não conseguiu sair ileso dos cortes que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva impôs a todas as áreas. Embora tenha sido contemplado com o menor corte — 2,26%, quase nada se comparado, por exemplo, como o Ministério da Integração Nacional, que perdeu 90,78% numa só tacada — a medida mostra que a área não está imune.

A saída para evitar riscos, há muito defendida por cientistas, é a autonomia orçamentária e de gestão financeira para o CNPq, nos moldes da Fapesp. Erney, claro, também aprova a idéia, mas diz que não é algo que se consegue da noite para o dia. “Não sei se o governo federal pode reservar uma cota fixa para o CNPq, já que os problemas sociais do País são muito maiores que os de São Paulo”, observa. “O que não pode é a gente fazer um planejamento com base num orçamento e esse orçamento ser cortado depois”, completa.

Além de colocar as contas em dia, Erney pretende aumentar o chamado “programa de balcão” para estimular a demanda espontânea dos próprios cientistas por verbas. “É um anseio antigo da comunidade”, justifica. Segundo ele, isso não prejudicará os programas induzidos, aqueles propostos pelo próprio CNPq em áreas de interesse estratégico. “As duas modalidades podem conviver muito bem”, garante. A intenção com os programas de balcão, segundo Erney, é incentivar o acesso às bolsas por pesquisadores de todas as regiões do país.



Foto: Antoninho Perri

O médico Erney Plassmann Camargo: “O sistema de cotas é perigoso”

AS PRIORIDADES

- | | |
|---|--|
| 1) Honrar os compromissos já assumidos com pesquisadores. Programas como Pronex e Instituto do Milênio não sofrerão cortes. | 4) Estudar um aumento para o valor das bolsas. Números, porém, só serão anunciados quando os recursos estiverem assegurados. |
| 2) Incrementar os “programas de balcão” como forma de incentivar o acesso às bolsas em todas as regiões do país. | 5) Conseguir maior adesão da iniciativa privada para os fundos setoriais. |
| 3) Intensificar a atuação dos comitês gestores, que avaliam o mérito dos projetos. | 6) Considerar como estratégicas áreas de pesquisa relacionadas aos principais problemas nacionais. |

Com essa medida, o presidente descartou totalmente o sistema de cotas, que chegou a ser cogitado como forma de garantir uma fatia mínima das verbas aos estados do Norte e Nordeste, com menor tradição na área científica. “O sistema de cotas é perigoso porque pode superdimensionar uma demanda que não existe e subdimensionar uma demanda poderosa”, explica. Segundo Erney, nenhuma região do país receberá tratamento diferenciado. “O que irá valer é o mérito

do projeto apresentado”.

Para isso, Erney pretende intensificar o papel dos comitês assessores, compostos por cientistas indicados pela comunidade científica e referendados pelo Conselho Deliberativo. Sua tarefa é analisar os projetos, mas, segundo Erney, nos últimos anos muitos projetos foram aprovados sem passar pelos comitês. “É um mecanismo importante porque favorece a harmonização de critérios”, explica.

Embora diga que as pesquisas induzidas continuarão tendo papel importante na política do

CNPq, Erney prefere não apontar as áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento nacional. Mas dá uma pista de como pretende tratar o assunto. “Temos uma série de problemas nacionais que, se nós mesmos não tratarmos, mais ninguém no mundo irá tratar”, diz. Um exemplo, segundo ele, são as doenças tipicamente tropicais, como malária. Ao mesmo tempo, Erney considera importante pesquisar áreas em que o país se encontra defasado em relação ao exterior. “Pesquisar sobre o câncer, por exemplo, é importantíssimo”.

Cortes intrigam paulistas

Outro desafio para o novo presidente do CNPq será encontrar resposta para uma pergunta que se tornou frequente entre os pesquisadores das instituições paulistas: por que o volume de investimentos em bolsas e no fomento à pesquisa caiu tanto nos últimos anos no estado de São Paulo? A participação do estado no volume de verbas despencou de 39,21% em 1995 para 29,92% em 2000. Enquanto isso, no mesmo período, quase todos os outros estados registraram aumento no volume de dinheiro recebido.

No caso da Unicamp, essa

queda foi de R\$ 35 milhões em 1995 para R\$ 21 milhões em 2000. USP e Unesp também amargaram reduções. Na USP, os recursos baixaram de R\$ 80 milhões em 1995 para R\$ 50 milhões em 2000. Na Unesp, a verba diminuiu de R\$ 20 milhões para R\$ 15 milhões. Os dados constam da resenha estatística do próprio CNPq e referem-se tanto às bolsas de mestrado como doutorado.

Ao ser informado sobre esse quadro Erney foi cauteloso na resposta. “Preciso primeiro tomar pé da situação para saber o que está acontecendo”, disse. Ele antecipou, porém, que não

haverá, em sua gestão, tratamento diferenciado para nenhuma região do país. “O tratamento será justo e correto para todos”, afirmou.

Apesar da cautela, Erney disse que estará muito próximo à Fapesp, principal agência de fomento à pesquisa do estado de São Paulo, considerada um modelo de gestão. “Nos damos muito bem e vamos fazer uma política conjunta”. O presidente do CNPq disse que já conversou com o diretor científico da Fapesp, Luis Fernando Perez, para um trabalho em parceria. “Temos interesse em harmonizar as políticas”.

Pró-reitor crê em reversão

O discurso inicial do novo presidente agradou a comunidade científica, mas o fantasma de novos cortes ainda ronda os pesquisadores. “A intenção de honrar os compromissos é fundamental porque muita gente ficou parada no meio da atividade por falta de recursos. Porém, também é preciso garantir um fluxo de recursos contínuo, sem novos contingenciamentos, para que não haja descontinuidade”, diz o pró-reitor de pesquisa da Unicamp, Fernando Costa.

Para Costa, o mérito e a qualidade acadêmica devem ser preservados. Com isso, segundo o pró-reitor, a expectativa é de que haja uma reversão na queda de recursos sofrida pelo estado de São Paulo nos últimos anos. “Vamos esperar que o novo presidente tome pé do que está acontecendo”. O pró-reitor também chamou a atenção para a necessidade de um número maior de bolsas de iniciação científica na Unicamp. “Queremos duplicar o número de bolsas”, disse.

Costa também apóia a idéia de incrementar os “programas de balcão”, que têm como objetivo gerar demanda espontânea por parte dos cientistas. “É isso que faz a ciência crescer”, disse. O pró-reitor ressaltou, porém, que os programas induzidos também são importantes porque atendem a áreas específicas, estrategicamente importantes para o desenvolvimento do país.